



ISRAEL / Líder do partido Likud reconquista o cargo de primeiro-ministro, após sua coalizão obter 64 dos 120 assentos do Parlamento. País terá o governo mais à direita de sua história. Começam as negociações para a formação de gabinete

A volta de Netanyahu

» RODRIGO CRAVEIRO

Menahem Kahana/AFP



Netanyahu e membros do Likud cantam o hino nacional após pronunciamento do ex-premiê no quartel-general do partido, em Jerusalém

Benjamin Netanyahu está de volta. Dessa vez, para liderar o governo mais à direita na história de Israel — formado por aliados ultra-conservadores e por religiosos. A coalizão liderada pelo Likud, partido de Netanyahu, conquistou 64 dos 120 assentos na Knesset (Parlamento). A aliança centrista construída pelo atual premiê interino Yair Lapid obteve 51 cadeiras. “O Estado de Israel está acima de todas as considerações políticas. Desejo a Netanyahu sucesso pelo bem do povo de Israel e pelo Estado de Israel”, afirmou. Em comunicado, o gabinete de Lapid informou que o chefe da oposição deu instruções para preparar uma transição ordenada. Ex-membro do Likud, Gideon Saar advertiu que o governo israelense segue em direção a uma “coalizão de extremistas”.

“É hora de trazer a segurança de volta às ruas, restaurar a ordem, mostrar quem está no comando, é hora de matar um terrorista que realiza um ataque”, disse o líder de extrema-direita Itamar Ben Gvir, chefe do partido do Sionismo Religioso, que conseguiu a façanha de dobrar para 14 o número de assentos na Knesset. “O governo Lapid está chegando ao fim”, acrescentou o aliado de Netanyahu e estrela das eleições deste ano.

O anúncio do resultado das urnas coincidiu com o acirramento da violência em Jerusalém e nos territórios ocupados. Ontem, três soldados israelenses ficaram feridos em um ataque a faca (veja foto) e quatro palestinos foram mortos em choques com as forças de Israel na Cisjordânia.

Netanyahu tem, legalmente, um prazo de 42 dias para começar a formar o governo, após o pedido formal do presidente israelense, Isaac Herzog. No entanto, segundo a imprensa local, o bloco de Netanyahu não perdeu tempo e, antes mesmo do ritual protocolar, incumbiu Yariv Levin — um de seus principais aliados — para começar as tratativas que viabilizem uma forte coalizão. As negociações prometem ser complexas, especialmente com o partido Sonismo Religioso, que almeja ocupar os ministérios da Defesa e da Segurança Pública.

De acordo com Eytan Gilboa, professor de comunicação política da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan (subúrbio de Tel Aviv), em todos os governos de



O Estado de Israel está acima de todas as considerações políticas. Desejo a Netanyahu sucesso pelo bem do povo de Israel e pelo Estado de Israel”

Yair Lapid, premiê interino de Israel

coalizão anteriores, Netanyahu recrutou membros de centro-esquerda da Knesset para que ele não fosse o único líder moderado da direita. “Essa estratégia não deverá ocorrer dessa vez. No entanto, Netanyahu planeja assinar acordos de coalizão que limitariam o poder e a influência da extrema-direita. Isso poderia ser feito por meio de nomeações para cargos ministeriais menos importantes, além da insistência

ArquivoPessoal



no acordo sobre políticas que a extrema-direita não teria que aceitar”, disse.

Mito

Em relação ao conflito palestino-israelense, Gilboa explicou que é um mito a crença de que a natureza dos governos israelenses determina as chances de paz na região. “Eles rejeitaram excelentes soluções sugeridas por governos de esquerda ou de centro

em Israel, como os premiês Ehud Barak e Ehud Olmert. Mesmo com um governo muito mais moderado e com um partido árabe-israelense na coalizão, não havia muita chance à paz”, comentou o especialista.

Ele recordou que, no ano passado, a Autoridade Palestina (AP) perdeu controle de grandes cidades da Cisjordânia, como Jenin e Nablus, enquanto o Hamas e a Jihad Islâmica tornaram-se muito populares ao operarem

em Gaza. “isso tudo erodiu ainda mais uma AP em declínio. Se a AP e o Hamas não podem alcançar a paz entre eles, como esperar que possam fazê-lo com Israel? Sob a perspectiva israelense, não há liderança palestina com a qual negociar”, acrescentou Gilboa.

Professor de ciência política também da Universidade Bar Ilan, Gerald Steinberg afirmou que Netanyahu manteve o apoio de mais de metade do eleitorado israelense e foi bem sucedido em

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Enquanto os palestinos permanecerem profundamente divididos e incapazes de negociar um compromisso realista, qualquer progresso será improvável. Sob essas circunstâncias, alguns partidos da nova coalizão de Netanyahu tentarão novamente anexar algumas áreas reivindicadas pelos palestinos, mas, sem a cooperação dos Estados Unidos, isso será difícil.”

Gerald Steinberg, professor de ciência política da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan (subúrbio de Tel Aviv)

Ataque na Cidade Velha de Jerusalém

Três policiais israelenses ficaram feridos em um ataque na Cidade Antiga de Jerusalém, anunciou a polícia, que também informou que o agressor foi morto a tiros. Ao ser interpelado pelas forças israelenses, um “suspeito”, não identificado em um primeiro momento, “puxou uma faca e esfaqueou um policial”, afirmou a força de segurança em um comunicado. Outros dois oficiais abriram fogo e o agressor foi declarado morto, acrescenta a nota. Médicos do serviço de emergência israelense informaram que atenderam três feridos, que foram levados para hospitais em Jerusalém. O ataque ocorreu no bairro muçulmano da Cidade Antiga, em Jerusalém Oriental, setor palestino ocupado desde 1967 e anexado por Israel.

COREIA DO NORTE

Fracassa teste de míssil intercontinental

A Coreia do Norte lançou, sem sucesso, um míssil balístico intercontinental durante nova série de disparos, sob a alegação de que o regime violou as resoluções do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). A presidência alemã do G7 — grupo dos sete países mais industrializados do planeta — condenou os lançamentos.

O Estado-Maior Conjunto sul-coreano afirmou que detectou, durante a manhã de ontem, o lançamento do míssil balístico de longo alcance, seguido de outros dois projéteis de curto alcance. Várias horas depois, reportou novo lançamento de um “míssil balístico não identificado”. Na quarta-feira, os norte-coreanos tinham lançado 23 mísseis de diversos tipos e disparado mais de 100 artefatos de artilharia.

“A capacidade do míssil balístico de longo alcance era de quase 760km, uma altura de 1.920km e uma velocidade de Mach 15”, equivalente a 15 vezes a velocidade do som (ou cerca de

18.570km/h), afirmaram os militares sul-coreanos.

Sirenes antiaéreas

A imprensa sul-coreana afirmou que as sirenes de ataque aéreo foram acionadas novamente na ilha de Ulleungdo (leste). Os moradores da localidade receberam alertas na quarta-feira para buscar refúgio depois que um míssil cruzou a fronteira marítima entre as Coreias.

O governo japonês também emitiu um alerta um pouco antes das 8h locais (20h de quarta-feira em Brasília) para os habitantes de áreas do norte do país, que deveriam procurar abrigos. Em um primeiro momento, Tóquio afirmou que um míssil tinha sobrevoado o território japonês e caído no Oceano Pacífico. No entanto, o ministro da Defesa, Yasukazu Hamada, esclareceu depois que o míssil não atravessou o país, “mas desapareceu no Mar do Japão” entre o

arquipélago e a Península Coreana. A sequência de lançamentos de mísseis seria uma resposta de Pyongyang aos exercícios militares conjuntos entre Coreia do Sul e Estados Unidos.

Ontem, a Coreia do Norte criticou a “má decisão” de Washington e de Seul de prorrogar as simulações de guerra. “Prolongar estes exercícios é uma decisão muito perigosa e ruim”, afirmou Pak Jong Chon, secretário do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores da Coreia, segundo um comunicado divulgado pela agência de notícias estatal KCNA.

Preocupação

Como o disparo de ontem foi “acompanhado por alertas de evacuação, isto sugere com força o lançamento de um míssil de alcance intermediário ou um míssil intercontinental de pleno alcance”, tuitou Chad O’Carroll, do site especializado NK News em Seul. “O segundo pode ser

Proavelmente muito em breve”, disse O’Carroll.

O analista Ahn Chan-il também opinou que “estes (os lançamentos) são eventos de pré-celebração da Coreia do Norte antes de seu próximo teste nuclear”. “Também parecem uma série de testes práticos para sua mobilização nuclear tática”, acrescentou.

Jung Yeon-je/AFP



Monitores, em um mercado de Seul, mostram projétil de Pyongyang

ArquivoPessoal